

Desafios para a pesquisa sobre iniciação científica em psicologia

SÉRGIO ANTONIO DA SILVA LEITE (UNICAMP)

As atividades realizadas pelo Grupo de Trabalho sobre Iniciação Científica em Psicologia, a partir da Reunião da ANPEPP de 1994, demonstram a existência de um pequeno mas respeitável corpo de conhecimentos acumulados sobre a questão.

Em termos gerais, os seguintes aspectos poderiam ser apresentados como produto direto ou indireto do trabalho desenvolvido pelo grupo:

Sobre o conceito de Iniciação Científica

É possível identificar duas dimensões relacionadas com a concepção de Iniciação Científica: uma considerada ampla e outra considerada restrita.

Numa concepção ampla, poder-se-iam considerar como parte da Iniciação Científica, todas as experiências vivenciadas pelo aluno, numa instituição educacional, com o objetivo de desenvolver a chamada formação científica (atitudes, conhecimentos, habilidades e padrão ético). Neste sentido, por força desta definição, atividades como exercícios de laboratório e práticas isoladas de observação e registro, também estariam aí incluídas. Como consequência, corre-se o risco da perda da especificidade do conceito de Iniciação Científica e, portanto, do seu próprio "poder de uso", na medida em que a inclusão de inúmeras e diversas atividades descaracterizariam a especificidade do conceito.

Por outro lado, a Iniciação Científica numa perspectiva restrita, seria entendida como o conjunto de experiências vivenciadas pelo aluno em um projeto de pesquisa formalmente elaborado, com ou sem financiamento através de bolsa, desenvolvido sob a orientação de um docente-pesquisador. Embora tal atividade seja considerada extra-curricular, teria os mesmos objetivos da concepção ampla, onde predominam atividades curriculares: a formação científica do aluno, incluindo o envolvimento com as atividades de pesquisa.

Deve-se ressaltar que esta última concepção corresponde à compreensão dominante sobre Iniciação Científica, no atual momento histórico, podendo, no entanto, ocorrer mudanças futuras, em função seja de novas práticas a serem desenvolvidas, sejam novas concepções teóricas mais completas que venham a ser elaboradas.

Sobre os principais fatores identificados como parte do processo

A pesquisa inicial desenvolvida pelo Grupo de Trabalho possibilitou identificar vários fatores integrantes do processo de desenvolvimento da Iniciação Científica: alguns novos, outros até então pouco conhecidos e ainda outros já citados na escassa bibliografia disponível.

Segue-se uma síntese dos fatores considerados mais relevantes no desenvolvimento do processo de Iniciação Científica.

a) Procedimentos de seleção.

Ficou claro que os alunos são selecionados a partir dos cursos ministrados pelos professores. No mesmo sentido, detectou-se que os docentes envolvidos com a Iniciação Científica, ministram seus cursos já com a perspectiva de sugerir possibilidades de pesquisa aos alunos. No entanto, embora aparentemente exista uma participação ativa do aluno no processo de escolha, observou-se uma preocupação (explícita por poucos e implícita em muitos) do docente em selecionar para a Iniciação Científica aqueles alunos que demonstraram melhor desempenho durante o curso. Isto caracterizaria a escolha como um processo fundamentalmente seletivo e até discriminatório. Entretanto, deve-se registrar a existência de um outro procedimento de escolha, menos frequente, em que o professor esclarece aos seus alunos as condições para a seleção dos seus orientandos em Iniciação Científica.

b) Atividades desenvolvidas pelo aluno.

Tal fator apareceu através de dois "modelos" relaciona-

dos à maneira como a pesquisa tem sido desenvolvida. Num primeiro, denominado aqui de "projeto individual", professor e aluno iniciam o processo de discussão a partir do interesse demonstrado pelo aluno. A partir daí, o aluno participa de todas as etapas da elaboração do projeto, desde a apresentação e escolha do tema até a divulgação final da pesquisa realizada.

Num outro modelo, aqui denominado de "projeto integrado", o aluno engaja-se em algum projeto já existente ou no grupo de pesquisa do professor, vindo a desenvolver efetivamente partes de uma pesquisa, embora tenha acesso a todo o projeto.

Deve-se destacar que houve docentes com posição mais favorável tanto a um quanto a outro modelo. No entanto, percebeu-se uma ligeira tendência para se interpretar o "projeto integrado" como o de maior possibilidade futura, acompanhando o processo de organização dos cursos, faculdades e departamentos de Psicologia em grupos ou núcleos de pesquisa.

Outro tipo de processo também observado descreve o aluno iniciando as atividades de Iniciação Científica através, inicialmente, do engajamento em um "projeto integrado", desenvolvendo, posteriormente, um "projeto individual".

c) Relação professor-aluno

Sem dúvida, este foi o fator mais encontrado na bibliografia e amplamente consensual nos dados coletados. É inegável que a relação professor-aluno, tanto em termos quantitativos como qualitativos, tem um papel crucial no cotidiano da Iniciação Científica.

No entanto, observaram-se diferenças com relação a vários aspectos dessa relação. Talvez o mais relevante diz respeito às características do orientador, no sentido de possibilitar maior ou menor grau de autonomia ao aluno: houve docentes preocupados em possibilitar o máximo de autonomia, assim como houve docentes preocupados em acompanhar de perto todas as etapas vivenciadas pelo aluno.

Uma outra questão da relação professor-aluno diz respeito à frequência dos encontros de orientação: observou-se uma variação desde encontros semanais até mensais, com respectivos prós e contras.

d) Características da orientação desenvolvida

Embora tal conceito não tenha sido claramente observado nas respostas dos docentes, poder-se-ia supor a existência de diferentes estilos de orientação, o que não impediria a continuidade da pesquisa no sentido de identificar aqueles que seriam mais facilitadores para o estabelecimento de uma boa relação sujeito-objeto, no caso a relação do aluno com a própria atividade de pesquisa, mediada pelo professor-orientador.

Além do fator periodicidade já comentado, foi possível identificar outros aspectos relacionados com a orientação. Um deles foi a ênfase na necessidade de ocorrência de um processo de reflexão, instigado pelo professor, durante os respectivos encontros. Pressupõe-se, neste sentido, que a atividade de orientação deve ser baseada numa relação essencialmente dialógica, em que a ação e a reflexão relacionam-se dialética e continuamente: a prática traz elementos para a reflexão e esta promove alterações na ação, num movimento

de progressão em espiral. Isto implica, obviamente, na disponibilidade do orientador para se envolver no processo, disponibilidade esta não somente física (tempo disponível) mas basicamente psicológica, no sentido de "dispor-se a" tal empreendimento juntamente com o aluno.

e) Possibilidade de financiamento e divulgação da pesquisa

Estes dois fatores foram também considerados importantes no processo, apresentando como ponto comum o fato de significarem a possibilidade de uma relação com elementos externos à díade professor-aluno. No caso do financiamento, a exposição do projeto à crítica de pareceristas dos órgãos de financiamento e, no caso da divulgação, a exposição à comunidade acadêmica em geral.

Tais fatores foram considerados importantes para a maioria dos docentes entrevistados, pois representariam para o aluno a efetiva "iniciação" nos ritos da comunidade científica.

Embora outros aspectos poderiam também ser citados, considera-se que os apresentados são os mais relevantes.

Diante disto, a questão que se coloca diz respeito às alternativas para elaboração de uma agenda de trabalho para o Grupo, dando continuidade ao já iniciado. Que aspectos merecem ser elucidados? Que rumos tomar? Enfim, o que se pretende com tal trabalho?

O que se segue, portanto, são pontos de reflexão no sentido de ampliar as possibilidades visando a uma decisão a ser assumida na próxima reunião da ANPEPP.

1) Oferecer a palavra aos alunos

Sem dúvida, uma das facetas do processo de Iniciação Científica que necessita maior estudo é exatamente a própria razão de ser do mesmo: o aluno. A escassa bibliografia sobre o tema bem como a própria fase inicial do Grupo de Trabalho, pouco elucidaram sobre o que tem acontecido com o aluno, antes, durante e após o desenvolvimento de um projeto de Iniciação Científica.

Além disto, dar a palavra ao aluno não pode se restringir a levantamentos quantitativos sobre, por exemplo, as porcentagens dos que vão para a Pós-Graduação ou que continuam o seu envolvimento com a pesquisa através outros meios. Embora sejam, sem dúvida, informações importantes, interessa também, e primordialmente, conhecer o que ocorre com as idéias/representações que os alunos elaboram a respeito dos diversos aspectos envolvidos nas atividades durante a pesquisa de Iniciação Científica, independente de terem realizado opção pela Pós-Graduação.

Uma questão específica certamente situa-se no estudo das relações presentes e futuras que o aluno, que fez Iniciação Científica, estabelece entre a pesquisa e sua atuação profissional. Ou seja, qual é o impacto da experiência com pesquisa naqueles alunos que não optam pela Pós-Graduação (a grande maioria), ingressando no mercado de trabalho?

Parece também interessante coletar informações, junto aos alunos, sobre os aspectos já estudados junto aos docentes, como os procedimentos de seleção, atividades desenvolvidas, relação professor-aluno, características da orientação, os procedimentos de divulgação, e outros.

2) A questão da continuidade da atividade científica

Em trabalho anterior, o autor sugeriu que um dos critérios para avaliação do "sucesso" da Iniciação Científica seria o da continuidade do processo de envolvimento do aluno com a pesquisa, seja através de outras pesquisas de Iniciação Científica, seja através do interesse demonstrado por outros meios, incluindo as intenções de futurostrabalhos.

Este é um tema que também apresenta várias possibilidades de abordagem: dados poderiam ser coletados junto a alunos, professores e mesmo junto a responsáveis pelo desenvolvimento curricular das instituições de ensino, na medida em que a possibilidade de continuidade do envolvimento com a pesquisa pode depender, em parte, da organização e funcionamento da proposta curricular da instituição.

3) As questões institucionais facilitadoras do processo

Seguindo a questão acima colocada, um dos aspectos mais específicos da formação científica relaciona-se com a maneira como os atuais currículos dos cursos de Psicologia prevêm/possibilitam tal processo. Pressupõe-se que, à medida em que se amplia a compreensão sobre a Iniciação Científica, como aspecto fundamental também para a formação profissional, tal preocupação passaria a ser gradualmente refletida nos planos curriculares dos cursos, com a previsão de mais espaço efetivo para tais atividades.

Na realidade, a discussão principal deveria questionar se a Iniciação Científica, no seu sentido amplo, deve ser mais assumida pelas instituições educacionais, ou deveria continuar sendo desenvolvida numa perspectiva extra-curricular, como presentemente, ou seja, dependendo basicamente do

interesse do professor e do nível de motivação de alguns alunos.

4) O "caráter discriminatório" da atual Iniciação Científica

Um dos aspectos mais intrigantes que os dados têm revelado, diz respeito ao possível "caráter discriminatório" da Iniciação Científica, camuflado no seguinte procedimento: embora o processo de escolha seja aparentemente democrático, na prática o que determina a seleção seria o desempenho do aluno, ou seja, "muitos seriam chamados mas poucos os escolhidos", assim mesmo através de critérios discutíveis, como possíveis relações de simpatia, amizade, etc. Esta questão torna-se relevante se lembrarmos que a maioria dos projetos ocorrem através de financiamentos por parte das agências.

Neste sentido, uma possível questão que se colocaria diz respeito à Iniciação Científica como um dos fatores responsáveis pela possível dualidade educacional, observada em todo o sistema de ensino, inclusive intra-turmas, ou seja, num mesmo grupo de alunos, a existência de alunos que seriam melhor preparados em função de um acesso mais facilitado a essas oportunidades como a Iniciação Científica, negadas entretanto para outros colegas. É uma questão polêmica mas torna-se relevante quando se assume a necessidade de que os cursos formem bons profissionais, e não apenas alguns poucos bons profissionais.

5) Análise de alguns aspectos específicos do processo de Iniciação Científica

Os dados analisados pelo Grupo de Trabalho sugerem outras questões que poderiam ser objeto de estudo mais aprofundado. Duas mereceriam ser lembradas. Uma diz respeito aos tipos de “modelos” seguidos no desenvolvimento das atividades de Iniciação Científica, denominados aqui como “projeto individual” e “projeto integrado: seriam dois estilos paralelos ou um deles apresentaria vantagens, considerando o objetivo maior que é o envolvimento do aluno com as atividades de pesquisa?

No mesmo sentido coloca-se a questão detectada com respeito a possíveis estilos de relação professor-aluno, variando da ênfase na autonomia do aluno ao acompanhamento mais próximo, dada a insegurança do aluno iniciante. Novamente se coloca o problema: haveria vantagens em um deles ou dependeria das condições específicas de cada caso?

Em síntese, é possível que uma análise mais detalhada dos dados e informações disponíveis sugira outros aspectos a serem estudados como objetos de futuras pesquisas. Espera-se, no entanto, que, para efeito de sugestões, as acima colocadas sejam suficientes para o delineamento da agenda do Grupo de Trabalho para os próximos dois anos.

Entretanto, há uma outra questão que parece ser crucial e deverá ser objeto de análise e discussão pelo Grupo, na próxima reunião da ANPEPP: relaciona-se com a ação política que deve ser iniciada, a partir da realidade conhecida, em função de uma realidade desejada, junto aos setores relevantes da comunidade acadêmico-científica.

Tomando-se como ponto de partida o pressuposto de que uma das principais razões para se produzir conhecimento via pesquisa é a possibilidade de alterar a realidade numa direção desejável, é necessário que o Grupo comece a planejar uma estratégia de divulgação e discussão junto aos diversos setores relacionados, visando à questão maior: o aprimoramento da formação científica dos alunos dos cursos de Graduação em Psicologia, independente da possibilidade de ingressarem na Pós-Graduação. Tal questão exigirá um planejamento de trabalho mais ousado, que envolva, inicialmente, a própria ANPEPP, seguindo-se as instituições educacionais, profissionais, científicas e de financiamento da pesquisa.

O desafio concreto que se coloca, portanto, é avaliar adequadamente o conhecimento que se tem acumulado e as possibilidades concretas do Grupo de Trabalho, nas condições atuais, em função dessa empreitada de natureza política. Entende-se que tal perspectiva deve, mais claramente, direcionar todas as futuras ações do Grupo de Trabalho a partir de agora.